

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: A CONSTRUÇÃO E A TRAJETÓRIA DE UM CAMPO DISCIPLINAR (1973-2003)

Fátima Maria Neves, Universidade Estadual de Maringá

Eixo nº2 – História da profissão docente e das instituições escolares

1 - INTRODUÇÃO

Esta comunicação tem o objetivo de apresentar uma análise sobre a construção e sobre a trajetória do campo disciplinar da História da Educação¹, do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), uma Instituição de Ensino Superior da rede pública do Estado do Paraná, criada por meio da Lei nº 6.034 de 06/11/69. O *Campus* Sede da UEM, com aproximadamente 100 hectares, localiza-se no centro de Maringá. Com uma população universitária estimada em mais de 25 habitantes, sendo 15.339 alunos da graduação, 3.444 mil de pós-graduação, 2.141 de cursos livres, 1.392 professores e 2.697 servidores, a UEM se transformou, em 36 anos, em uma verdadeira cidade dentro de Maringá. Atualmente, a UEM oferece 48 cursos de graduação distribuídos pelo *Campus* Sede, *Campus* Extensão de Cianorte, *Campus* Regional de Umuarama, *Campus* Regional do Arenito e *Campus* Regional de Goioerê. Atualmente, são ofertados 10 cursos de especialização, 26 cursos de mestrado e 10 doutorados². Neste espaço institucional e acadêmico insere-se o Curso de Pedagogia, criado em 1973, e reconhecido pelo MEC, em 30/09/76, pelo Decreto n.º 78.525.

Destacamos que, em atendimento às disposições legais e sociais, o Curso de Pedagogia, desde sua criação, sofreu diversas reformulações e, em todas elas, a disciplina de História da Educação se manteve como uma das disciplinas fundamentais da estrutura curricular.

Os historiadores da Educação reconhecem, primeiramente, que a História da Educação, como disciplina, encontra-se nas estruturas escolares e acadêmicas há muito tempo.

Neste processo, como o de qualquer campo disciplinar, aconteceram e ainda acontecem polêmicos debates em decorrência do modelo que conformou a dinâmica de sua

¹ Este estudo está vinculado ao desenvolvimento do Projeto coletivo de Estudos e de Pesquisas sobre a HISTÓRIA DOS CAMPOS DISCIPLINARES: investigações em torno da pesquisa e do ensino em História da Educação e Psicologia da Educação, no curso de Pedagogia da UEM (1973/2003), [Processo nº. 1848/2004], cadastrado no Diretório dos Grupos de Estudos e de Pesquisas do CNPq, certificado como GEPECADIS.

² Maiores detalhes consultar o site www.uem.br.

criação e consolidação. Sob este aspecto, Chervel (1999, p. 178) pontua que uma primeira e importante tarefa para o historiador da educação que se propõe a tratar da história das disciplinas, para além de definir a noção de disciplina, há que se fazer a sua história.

Por disciplina, palavra de origem latina, se entende, atualmente, como “um modo de disciplinar o espírito [...] dar métodos e regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte” (CHERVEL 1999, p. 180). Para Bitterncourt (2004), “a disciplina acadêmica visa formar um profissional: cientista, professor, administrador, técnico” e a “disciplina ou matéria escolar visa formar um cidadão comum que necessita de ferramentas intelectuais variadas para situar-se na sociedade e compreender o mundo físico e social em que vive”.

Definido os termos há que se fazer sua “história”. Conforme um dos pressupostos fundamentais da pesquisa histórica, não se faz história sem indícios, sem registros, testemunhos ou documentos “da história a ser contada”. Em face deste pressuposto metodológico esta pesquisa vem sendo realizada, até momento, por meio de 50 documentos institucionais.

2 - FONTES DOCUMENTAIS

Os documentos analisados são formulários e estão arquivados no Diretório de Assuntos Acadêmicos (D.A.A)³. Eles estão lá porque este órgão está organizado e funciona para atender as demandas que envolvem o corpo discente da UEM. Portanto, as informações analisadas, até o momento, estão circunscritas ao universo dos acadêmicos do Curso de Pedagogia. Considero importante informar que os formulários arquivados referem-se aos momentos de alterações disciplinares e curriculares. Isso significa que o último documento arquivado é o que se encontra em vigor, isto esclarece o fato de não encontrarmos documentos anuais e sim aqueles que revelam a mudança, a alteração quer da ementa, do programa ou da bibliografia básica.

De 1973 até 1980, esses formulários eram compostos dos seguintes campos: o nome da disciplina, o código, a turma, o período, a carga horária, os créditos, os pré-requisitos, o nome do professor que ministrou as aulas e os assuntos ministrados, a data, a assinatura do chefe de departamento e assinatura do professor. A partir dos anos 80, mantêm-se os mesmos códigos, com exceção do nome e da assinatura do professor que

³ Uma análise sobre os problemas e as demandas percorridas na identificação, seleção e reprodução do material é fundamental, todavia, extrapolaria, aqui, os objetivos propostos, por isso deixamos esta análise para ser desenvolvida em uma outra oportunidade.

desaparecem e, em seu lugar, aparece a aprovação pelo colegiado do Curso. Observa-se, que nem todos os campos estão preenchidos. É com esta configuração de presenças e ausências, de “diálogos” e de silêncios que estamos trabalhando.

Desde a criação do curso de Pedagogia, em 1973, a disciplina de História da Educação, se insere na área de Fundamentos da Educação e tem lugar de destaque na estrutura curricular, estando presente em todos os anos subdividida em História da Educação I, II e III. Para efeito didático e de exposição, descrevo, primeiramente, as fontes encontradas⁴.

2.1 - História da Educação I

Encontramos 10 programas disciplinares diferentes e não verificamos o registro de ementas, de objetivos e de bibliografia básica. Com uma carga horária de 60h/aula, ministrada semestralmente, em duas turmas, uma diurna (01) e outra noturna (31), por professores formados em Pedagogia e Filosofia, sendo que a periodização e os recortes temáticos abordados, em 1973, destacavam a Modernidade e conteúdos programáticos pertinentes a este período. Em 1975, com 75h/aula, abordavam temas relacionados à Educação Primitiva e Antiga, posteriormente, em 1979, tratou-se simultaneamente da Educação no Brasil e da Revolução industrial. A percepção que se tem, após a análise dos 20 formulários específicos da História da Educação I, é que esta disciplina foi, nos anos 70, sob o código 11212, “lugar” de indefinições.

Nos anos 80, observamos a manutenção da semestralidade, das duas turmas, do código de referência disciplinar e da carga horária. Identificamos, também, que a periodização e os recortes temáticos se mantiveram em torno da Educação na Antiguidade Clássica e da Idade Média sob o registro de duas ementas semelhantes, 3 programas disciplinares e duas listas de bibliografia básica. Uma constatação interessante para análise deste período é o de observar que, logo no primeiro semestre de 1980, encontra-se registrado, simultaneamente, aos conteúdos da Educação na Grécia e na Idade Média, um item programático que traz para o debate em sala de aula questões sobre o materialismo histórico e dialético e sobre as concepções de trabalho sobre os períodos estudados. Entretanto, este recorte temático desaparece em 1983, sendo retomado em 1992.

⁴ Conteí com o apoio dos Projetos de Iniciação Científica “Identificação, seleção e análise dos Programas, Ementas e Bibliografias que estiveram presentes na Disciplina de História de Educação do curso de Pedagogia da UEM de 1973 a 2003” (Processo nº 2287/2005); e, “*O Percurso da Disciplina História da Educação no Curso de Pedagogia da UEM no período de 1973 a 2003*” (Processo nº 2287/2005), ambos desenvolvidos pela acadêmica, do curso de Pedagogia, Luciane Cristina Gonçalves Ribeiro.

A partir dos anos 90, o curso passa a ser anual e a História da Educação I passou a ter o código 455 e a carga horária de 136h/aula. Manteve a periodização e os recortes temáticos dos anos anteriores, todavia, sob uma outra ementa relacionada, neste momento, a um objetivo e a um outro programa curricular que enfatizavam a educação no interior dos modos de produção escravista e feudal.

2.2 - História da Educação II

A exemplo da História da Educação I, a História da Educação II, nos anos 70, também, era ministrada semestralmente, em duas turmas, uma diurna (01) e outra noturna (31), por professores formados em Pedagogia e Filosofia. Encontramos 08 programas disciplinares diferentes e não se verifica o registro de ementas, de objetivos e de bibliografia básica. Com uma carga horária de 60h/aula, a periodização e os recortes temáticos abordados, em 1973, estavam relacionados à Educação no Brasil Império com conteúdos programáticos pertinentes a este período. Em 1974, abordou-se temas relacionados ao Renascimento, Modernidade e a Educação brasileira, do período colonial à contemporaneidade. A partir de 1975, temas referentes à educação humanista, à Reforma, à Educação nos séculos XVII, XVIII, XIX e Educação brasileira, da colônia à república, juntamente com a questão da legislação sobre a educação confluíram no mesmo programa disciplinar. As informações encontradas nos 22 formulários sobre a História da Educação II, revelam esta disciplina foi, nos anos 70, sob o código 11213, um outro “lugar” em que os recortes temáticos destacavam a história das idéias pedagógicas panoramicamente. Nos anos 80, observamos a manutenção da semestralidade, das duas turmas, do código de referência disciplinar e da carga horária. Identificamos, a partir do 2º semestre de 1980, que a periodização e os recortes temáticos se mantiveram em torno da Educação na Modernidade sob o registro de uma ementa, 4 programas disciplinares e duas listas de bibliografia básica.

O que chama à atenção do historiador das disciplinas é o formulário do 2º semestre de 1983. Encontra-se neste documento um descompasso bastante acentuado entre a ementa, o programa e a bibliografia proposta. Observa-se que a ementa, visando o estudo da educação, dos pedagogos e das idéias da modernidade e da contemporaneidade se mantém, enquanto que, o programa se alterou destacando, tão somente, temas sobre as manifestações históricas do sistema socioeconômico capitalista. Todavia, a bibliografia não acompanha o programa sugerido. E, ao que parece, assim se manteve até a nova reformulação em 1992.

Nos anos 90, no regime serial, a História da Educação II passou a ser reconhecida pelo código 461 e sua carga horária foi para 68h/aula. Manteve a periodização e os recortes temáticos dos anos anteriores, porém, um outro programa curricular organizado sob uma outra ementa que enfatizava a análise da sociedade capitalista, desde o seu período de consolidação até o século XX e os encaminhamentos dados à educação, com uma bibliografia mais adequada aos propósitos disciplinares.

2.3 - História da Educação III

História da Educação III, tal como a I e II, nos anos 70, também, foi ministrada semestralmente, em duas turmas, uma diurna (01) e outra noturna (31), por professores formados em Pedagogia e Filosofia. Encontramos apenas 1 programa disciplinar e não se verifica o registro de ementas, de objetivos e de bibliografia básica. Com uma carga horária de 75h/aula, a periodização e os recortes temáticos, de 1974 até 1981, estavam relacionados à Educação dos povos primitivos, à Educação no Oriente (China, Japão, Índia, Pérsia, Assíria e Babilônia), no Egito, na Grécia e em Roma antiga.

Observamos, por meio de 9 formulários, que esta disciplina, nos anos 70, sob o código 1277, não se “relacionava” com a História I e II. Manteve-se distante tanto do ponto de vista dos pré-requisitos quanto o da cronologia.

Nos anos 80, somente a semestralidade e as duas turmas se mantiveram tal como no período anterior. O código de referência disciplinar passou a ser o 11243, a carga horária reduziu para 60h/aula. A periodização e os recortes temáticos se concentraram em torno da Educação no Brasil, do período colonial ao republicano. Constatamos que se os temas sobre a educação brasileira se mantiveram durante os anos 80 o mesmo não se deu em relação ao enfoque dado aos conteúdos por ter se alterado as ementas. Enquanto a primeira enfatizava o recorte educacional a segunda ementa, aprovada, em 1989, destacou a relação da educação com a economia, alterando também o código de sua identificação para 11803, o programa curricular e a bibliografia básica.

Nos anos 90, no regime serial, a História III passou a ser reconhecida pelo código 469 e sua carga horária foi para 68h/aula. Manteve a periodização e os recortes temáticos que a caracterizou desde o início dos anos 80, sobre a educação no Brasil, da colônia a república. Criou e manteve o objetivo de “proporcionar ao aluno a compreensão de que o estudo específico da educação no Brasil obedece às mesmas determinações gerais que embasam o estudo da educação na sociedade capitalista em suas várias fases”,

estabelecendo uma outra ementa, um outro programa e apresentando uma outra bibliografia básica.

A História da Educação III foi à única disciplina que apresentou, depois da década de 90, registro de alteração nos formulários. Encontramos um documento que revela outra alteração em seu código para 1712 e uma redução na bibliografia básica, todavia, manteve a ementa, o objetivo e programa anterior.

A descrição das fontes nos fornece dados e informações que nos permitem, aprofundar o exercício analítico.

3 – EM ANÁLISE: A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Nos primeiros anos, na década de 70, nos parece que a disciplina de História da Educação era concebida como um fim em si mesmo, mas autonomamente. Não identificamos uma preocupação em relacionar os conteúdos entre as disciplinas, quer no mesmo ano e sequer de um ano para outro. Em seus primórdios é visível a repetição de conteúdos. Diversas são as repetições mas um exemplo revelador é o que acontece em 1974, quando o mesmo programa, que destaca pelos ideais da educação do homem primitivo até a educação grega e romana, é ministrado em História da Educação I, II e III.

Diferentemente do movimento nacional registrado pela historiografia ao revelar que somente, a partir de 1981, inseriu-se nos programas disciplinares a História da Educação Brasileira, na UEM, este conteúdo desde o início, em 1973, já era conteúdo ministrado em sala de aula, na História da Educação II, posteriormente, nos anos 80, os temas relacionados história da educação brasileira ficou sob a responsabilidade da História III.

Os formulários permitem-nos identificar que, durante os anos 70 e 80, os conteúdos ministrados tinham maior proximidade com o campo da Filosofia da Educação⁵ do que o da História da Educação. Observa-se nos programas disciplinares o destaque que

⁵ Filosofia dos povos primitivos; as filosofias educacionais dos egípcios; a filosofia dos clássicos e suas idéias educacionais; a Ética, a Retórica, o Humanismo clássico e o pensamento pedagógico; a educação cristã e o saber da idade média: a Escolástica. Os fundamentos éticos da civilização ocidental; as idéias incipientes do individualismo do Renascimento. O aproveitamento das idéias pelos pedagogos essencialistas. A crença no homem, na razão, na crítica, nas idéias. A idéia de homem renascentista e a educação. A idéia de educação desse homem. As utopias do Renascimento. A variedade de idéias. Teorias da Educação. As idéias positivas. Os ideais do homem culto. As idéias protestantes sobre a educação. Humanismo e sua influência na Filosofia Educacional. As modificações na Filosofia católica frente ao protestantismo. O pensamento calvinista e sua estrutura educacional e sua influência na Europa. Froebel e suas idéias sobre a educação. As filosofias educacionais contemporâneas.

se dá ao estudo das idéias, das doutrinas e das correntes do pensamento filosófico⁶. Ou seja, caracterizavam-se pela pouca diferenciação entre a História e a Filosofia da Educação

Uma das explicações, historiográficas, encontradas é a de que a História da Educação, como campo disciplinar, caminhou por muito tempo ao lado da Filosofia (VIDAL & FARIA FILHO, 2003). Todavia, entre os historiadores da educação é consensual o entendimento de que a História da Educação foi criada, como especialidade da História, em diferentes lugares⁷, no final do século XIX, “no bojo de um movimento de reação contra a metafísica” sob a influência do Positivismo (LOPES, 1986, p. 18). Não obstante, ser criada como uma das especializações da História, desenvolveu-se muito mais próxima do terreno da Educação, da Pedagogia e, portanto, da Filosofia.

A historiografia observa que o movimento de proximidade entre a Filosofia e a História da Educação, também era visível por meio da análise da bibliografia utilizada. Constata-se que muitos dos compêndios e dos livros didáticos utilizados em História da Educação eram os manuais da Filosofia da Educação, como os de Francisco Larroyo (1944), Paul Monroe (1949), Lorenzo Luzuriaga (1951), Abbagnano (1957), Bertrand Russel (1957), Maurice Debesse e Mialaret (1977). Não obstante a História da Educação, na UEM, também apresentar em seu rol bibliográfico esse autores, pode-se encontrar, conforme os registros nos formulários uma outra característica na composição das referências: os manuais de educação mais recentes, os relatos de viajantes, as cartas jesuíticas, textos historiográficos e, fundamentalmente, autores clássicos do pensamento ocidental bem como textos e tratados sobre economia.

As ementas, os objetivos, os programas e conteúdo, bem como as referências bibliográficas acabam por configurar um determinado perfil da disciplina. Perfil este que, também, se explica pela formação dos profissionais que nela atuou, conforme os registros encontrados.

Investigando os formulários encontramos a identificação de 5 profissionais formados em Pedagogia, Letras e Filosofia. Posteriormente, um tornou-se, especialista em: Metodologia Científica, Didática do Ensino Superior, outros 4 tornaram-se Mestres em Educação e, apenas 1 titulou-se Doutor em Educação. Portanto, há que se registrar que não há em História da Educação, historiador de ofício. Neste caso, nos parece pertinente à

⁶ Animismo, Calvinismo, Capitalismo, Cartesianismo, Ceticismo, Conservadorismo, Cristianismo, Ecletismo, Empirismo, Epicurismo, Estoicismo, Evolucionismo, Fisiocratismo, Helenismo, Historicismo, Humanismo, Idealismo, Iluminismo, Liberalismo, Materialismo dialético, Materialismo histórico, Monopolismo, Naturalismo, Patrística, Pietismo, Positivismo, Protestantismo na educação, Racionalismo e Realismo.

⁷ Em 1880, na França; em 1884, na Universidade de Berlim; em 1891, em Harvard (LOPES, 1986, p. 15/16).

afirmação de que a História da Educação foi construída prioritariamente por profissionais que não foram preparados para exercer o *métier* do historiador (LOPES, 1986, NUNES, 1989; SAVIANI, 1998). Amadores no que se refere à operação historiográfica como ensina Certeau (1982).

O movimento historiográfico entende que foi, a partir de 1990, que a História da Educação se consolidou como disciplina científica e autônoma da filosofia da educação rompendo antigos procedimentos, e caracterizando o seu fazer científico na investigação do fenômeno educativo em sua manifestação temporal por meio de documentos e fontes históricas. Entretanto, observa-se que a História da Educação, na UEM, manteve, nos anos 90, muito dos tradicionais conteúdos do terreno da Filosofia da Educação, não incorporando os procedimentos da operação histórica, identificados pela historiografia, mas, diferenciou-se ao se aproximar dos postulados teóricos do Materialismo Histórico e não o da Nova História Cultural. Foi esse o caminho que os educadores historiadores, da História da Educação da UEM, trilharam para criar um espaço crítico de trabalho.

Refletindo, a partir da materialidade do lugar de produção, a área de Fundamentos da Educação, os professores sob a perspectiva do Materialismo Histórico foram, aos poucos, imprimindo um discurso que buscou e sustentou suas “verdades” teóricas-metodológicas amparados na crítica dos encaminhamentos da sociedade capitalista, principalmente, as do campo da educação. Apesar de todos os confrontos e enfrentamentos este discurso foi se legitimando, tornando-se, ao longo dos anos 90, predominante.

Este discurso carrega em si uma concepção de educação e de história. A educação, nos programas disciplinares, nas ementas e nos objetivos aparece como “expressão necessárias das relações sociais que as caracterizam”. A análise das sociedades (escravista, feudal, moderna e capitalista) antecede à análise dos fenômenos e encaminhamentos dados à educação, posto que estes só seriam compreendidos a partir da relação com a economia. A educação surge como decorrência de um modelo fundador exclusivo, o econômico. A nosso ver a compreensão de educação subjacente a estes programas insere-se nas tendências que a concebem como um campo genérico, indefinido epistemologicamente, que não tem um estatuto próprio. Uma compreensão que está muito mais próxima das tendências que a identificam como decorrente de um mecanismo social reprodutor e de afirmação do caráter desigual das classes, como entende Pierre Bourdieu, Michel Verret e Yves Chevallard. Portanto, diferente da tendência que entende a educação e a escola se relacionando com os modelos sociais e, logo, produzindo cultura e conhecimento, como defendem André Chervel e Ivor Goodson.

A organização dada aos programas disciplinares e as ementas se fizeram, como já vimos, por meio dos grandes marcos temporais, da História Geral da Europa. Entendendo que toda periodização pressupõe uma teoria geral da História, consideramos importante entender a concepção de História que amparava o trabalho na Pedagogia.

Observa-se que concepção, subjacente, de “fazer” História, nos programas e nas ementas de História da Educação, na UEM, desde sua fundação, é o da continuidade, da unidade histórica e da história do homem como única. Como herança da tradição hegeliana, essa concepção é marcada pelos grandes consensos em História, pelo “espírito da época”. Atribui-se à História um sentido que acaba por construir e organizar um tipo de narrativa do passado que busca mostrar como as coisas, de fato, aconteceram. Tal pressuposto de veracidade caracteriza a corrente positivista do Historicismo Clássico de Leopold von Ranke (1795-1886).

Ranke compreendia a História como disciplina científica e uma de suas idéias mais conhecidas foi a de que atribuía “a história a função de julgar o passado e instruir o presente para ser útil ao futuro” (APUD LE GOFF, 1996, p. 85).

Não é de hoje que os teóricos, do campo da história, afirmam que não se faz mais a relação mecânica entre o estudo do passado para entender o presente e direcionar o futuro, à moda de Ranke e de Michelet. A História não é ciência do passado, mas sim a é ciência dos homens no tempo; é um esforço para um melhor conhecer uma coisa em movimento (BLOCK, 1965, p. 18, p. 29); é a preocupação de relacionar a ordem de permanência e a ordem da transformação, é, também, a ciência da mutação e da explicação dessa mudança (LE GOFF, 1996, p. 15). Contrariando esse movimento e se unindo ao modelo positivista do historicismo rankeano os programas e as ementas, da História da Educação, na UEM, assumiram a idéia de que o passado é modelo para presente. Para isso identificam as influências e as contribuições das idéias, dos pedagogos, das escolas [de outros períodos históricos] para o mundo atual e, posterioridade. Por meio destes programas e ementas observa-se que o entendimento do “mundo de hoje” é construído como “reflexo da educação do passado⁸”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Grosso modo, esta pesquisa tem nos levado a identificar que na pesquisa historiográfica: a construção e a trajetória do campo disciplinar da História da Educação

⁸ Constata-se, a partir do Programa de História da Educação I, do primeiro semestre de 1974.

tem possibilitado enveredar por um universo de inúmeras possibilidades investigativas. Na produção historiográfica, um exame mais acurado revela as idéias que estão circulando e movimentando o debate sobre a mudança no perfil da disciplina, e o movimento social que os pesquisadores e educadores realizaram e continuam a realizar para a instituição e para a consolidação da História da Educação como campo de ensino e de pesquisa atuante e crítico⁹.

Investigando os documentos institucionais tais como: os programas e conteúdos disciplinares, ementas e referências bibliográficas da disciplina de História da Educação, do Curso de Pedagogia, da UEM, elaborados durante o período de 1973 a 2003, identifiquei significativas continuidades e rupturas com a produção historiográfica e, também, com e nos trabalhos de pesquisa que tem como objeto de estudo este campo disciplinar.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. & VISALBERGHI, A. *História da pedagogia*. Lisboa: Livros Horizonte, 1957.
- BITTENCOURT, Circe M. F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. SP: Cortez, 2004.
- BLOCH, Marc. *Introdução a História*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1965.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. RJ: Forense Universitária, 1982.
- CHERVEL, André. *História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa*. *Teoria & Educação*, nº 2, 1999.
- DEBESSE & MIALARET. *Tratado das Ciências Pedagógicas*. SP: Ed. Nacional, 1977.
- LARROYO, F. *História geral da pedagogia*. São Paulo: Mestre Jou, 1944.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- LOPES, Eliane M. T. *Perspectivas históricas da educação*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- LUZURIAGA, L. *História da Educação e da pedagogia*. São Paulo, Nacional, 1951
- MONROE, P. *História da Educação*. São Paulo: Brasiliense, 1949.
- NUNES, Clarice. *Pesquisa Histórica: um desafio*. ANPED, RJ, nº 2, p.37-47, 1989.
- RUSSEL, Bertrand. *História da Filosofia Ocidental*. SP: Cia Editora Nacional, 1957.
- SAVIANI, Dermeval. *O Debate Teórico e Metodológico no campo da História e sua importância para a pesquisa educacional*. IN: SAVIANI, D. (org). *História e História da*

⁹Contei com o apoio do Projeto de Iniciação Científica “Identificação, seleção e análise da produção historiográfica sobre o campo disciplinar da História de Educação na imprensa pedagógica, nos anos 90”, (Processo nº 11161/2005); desenvolvido pela acadêmica, do curso de Pedagogia, Liliana Men.

Educação – o debate teórico-metodológico atual. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 1998.

VIDAL, Diana G. & FARIA FILHO, Luciano. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). Revista Brasileira de História, v. 23. n. 45, São Paulo, jul, 2003.